

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 31 DE JULHO DE 1995

*Senhor Ministro Raimundo Brito, das Minas e Energia; Senhores Ministros de Estado; Senhor Governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto; Senhor Líder do Governo, Deputado Germano Rigotto; Senhores Senadores; Deputados Federais, Estaduais; Senhor Presidente da Petrobras, Joel Rennó; Dr. Cirne Lima, que é o Superintendente da Copesul; Senhores empresários; Senhoras, Senhores,*

Hoje é um dia particularmente grato para mim. Desde a campanha eleitoral, eu dizia que nós iríamos dedicar uma atenção toda especial ao Rio Grande do Sul. E não o dizia, simplesmente, pelos laços que me ligam ao Rio Grande, que são muitos, até pessoais, mas porque o Rio Grande havia perdido, relativamente, posição no conjunto da Federação e porque desfruta de condições excepcionais para voltar a assumir um papel de liderança neste novo Brasil.

E é com satisfação que ouço, agora, o Governador do Rio Grande, juntando a realidade à generosidade gaúcha, lembrar os esforços do Governo Federal e aquilo que nós conseguimos fazer até agora pelo Rio

Grande. Faremos mais. Não é o Presidente da República, é o Brasil que precisa do Rio Grande.

E, neste ato em especial, quando estamos aqui assinando convênios que vão permitir um fortalecimento imenso do sistema petroquímico do Rio Grande, vê-se com que facilidade foi possível – graças, é verdade, ao esforço do Governador, à diligência e à competência do Ministro de Minas e Energia e à ação, sempre prestante, do Presidente da Petrobras, Joel Rennó – articular aquilo que é fundamental: o setor público com o setor privado, não mais em termos de saber quem sufoca quem, quem tem o privilégio do monopólio – que é um triste privilégio, que atrapalha –, mas quem é capaz, efetivamente, de multiplicar a riqueza.

Está-se vendo concretamente aqui que a ação coordenada da Petrobras com os investidores privados é uma ação que produz efeitos, e produz efeitos com rapidez.

Eu sei que o investimento é de vulto, que ele terá efeitos, não só diretos, mas indiretos, muito grandes, mas isso ainda é pouco.

Disse o Governador que ele estava feliz por nós entrarmos na competição dos bilhões. Essa é a perspectiva certa. Nós, hoje, no Brasil, temos que começar a nos preparar para absorver bilhões, e é preciso que esses bilhões sejam nossos também. Não se trata só de investimento externo. Virão muitos, mas nós temos que fortalecer a poupança interna. Daí o empenho nas reformas constitucionais, daí o empenho na reforma da Previdência, porque nós precisamos criar fundos de acumulação, e, todas as vezes que estamos assistindo a um processo de privatização no Brasil, é com gosto que eu vejo que os fundos dos empregados estão comprando ações e que têm disponibilidade de recursos.

E todos aqueles que temiam o processo de privatização, porque consideravam que haveria uma desnacionalização, calaram a boca, porque não houve desnacionalização nenhuma. Houve, ao contrário, a exibição da força da poupança nacional. Temos que aumentá-la.

Este ano, para nossa alegria, nós já estamos nos aproximando de 20% do PIB. Até há pouco eram 16%. Mas isso é muito pouco. Espero ter, no fim do Governo, pelo menos, acrescentado um ou dois pontos, por ano, nesse esforço de aumentar a poupança nacional. E não é nada

irrealista. Mas isso requer certas medidas, requer alterações de ordem constitucional, requer que se criem fundos de previdência, requer que o Estado se modernize, requer uma ação nos portos, uma infra-estrutura que se renove. E essa é a parte, também, que caberá ao Rio Grande.

Nós temos que modernizar as vias de transporte no Rio Grande, ferroviária e rodoviária; temos que dar ao porto do Rio Grande a destinação para a qual ele foi feito, e que ele tenha o dom natural, para que nós possamos aproveitar, com o máximo empenho, esses recursos. E nós faremos.

Não por acaso o Ministro dos Transportes é gaúcho. Está interessado, tanto quanto eu, em que essas questões possam ser encaminhadas positivamente não só no Rio Grande, mas no Sul do Brasil, em geral, e especificamente no Rio Grande.

O Rio Grande, com um pouco de impulso, vira sozinho uma potência. Não é preciso que o Governo esteja a investir todo o tempo. Basta que o Governo tenha o discernimento estratégico para saber quais são os pontos. Por isso o Candiota. Por isso aliviamos o Tesouro, para que ele não ficasse sufocado na questão da dívida mobiliária. Por isso estamos dando esse passo, agora, na questão relativa ao pólo petroquímico.

Isso é, hoje, essencial. E também me apraz dizer que, neste semestre que terminou agora, o BNDES já aplicou 4 bilhões de reais no financiamento da empresa nacional. Não é pouco dinheiro. E vamos aplicar mais no segundo semestre.

Quando ouço algumas pessoas falando em recessão, digo: “Mas, meu Deus, leiam os dados. Não falem do que não sabem.” Este aqui é um país continental, onde, evidentemente, há problemas. Há áreas que estão deprimidas e até sem atividade, e nós temos que cuidar delas. Mas não vamos perder o rumo. O País está crescendo. Está crescendo há dois anos e este ano vai continuar crescendo. E repito os dados do IBGE: a taxa de desemprego, no primeiro semestre deste ano, foi a menor dos últimos cinco anos, por volta de 4%, com um plano de estabilização econômica.

Então, não devemos ficar o tempo todo nos lastimando. Temos que fazer como fez o Governador agora, aqui: não é cantar vitórias, é apontar caminhos para as vitórias futuras, é construir esses caminhos.

Com esta possibilidade de que o Brasil dispõe hoje, de capital interno, de capital externo, de possibilidade de modificação na infra-estrutura, de agilização em cada estado da Federação, de aliança entre todos esses fatores para que haja o desenvolvimento – houve também um dado absolutamente tranquilo de aumento de renda – o que nós temos a temer? Só se for a nossa própria incapacidade. E isso é inaceitável. Basta que nós dialoguemos, basta que conversemos, basta que nós, em vez de termos uma visão míope, às vezes até de partidarismos ou de localismos, tenhamos uma visão mais ampla, como vamos ter na reforma tributária.

“Ah, mas um estado vai perder.” Não vai perder nada. O que perder aqui se compensa ali. Quem tem que ganhar é a economia no seu conjunto, que precisa ser beneficiada pela simplificação do sistema de impostos; a nossa capacidade exportadora, que não pode ser diminuída, por estar onerada em impostos; a folha de salários, que não pode ser, também, golpeada por impostos excessivos.

Vamos ter que ter coragem para mudar essas coisas.

Em vez de gritarmos antes de sabermos do que se trata, é melhor que a gente se debruce um pouco sobre os dados e, se houver alguma coisa inconveniente, que se corrija, porque o País tem condições para avançar com muita tranquilidade no caminho do crescimento econômico. Estou seguro de que esse caminho está lançado.

Já que estamos falando sobre o Rio Grande, e com o entusiasmo pelo Rio Grande, que eu tenho, também quero dizer que não se trata apenas de privilegiar este ou aquele estado. Nós temos um conjunto de obras que estão sendo articuladas, de objetivos nacionais que estão sendo articulados, e daqui a pouco, quando perceberem, nós temos um projeto nacional de crescimento econômico.

Eu sei o que dizer e o que fazer no Norte, onde estive já mais de uma vez, o que dizer e o que fazer no Nordeste, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Centro-Oeste. Não é porque eu saiba, é porque o País sabe e nós estamos nos debruçando nessas questões. Estamos criando as condições para dispersar investimentos, mas não de forma que eles não se multipliquem, senão de forma que eles se encadeiem.

A noção moderna de desenvolvimento econômico hoje não está mais baseada em pólos; está baseada em corredores. Nós temos que articular corredores de desenvolvimento. Não adianta um pólo aqui e outro pólo ali. Eles têm que estar articulados a partir de uma concepção que permita perceber a dinâmica da economia nacional. Isso está escrito no meu programa de governo e nós estamos pondo em prática. Só não estamos dizendo todo dia “meta tal, meta qual”, porque não sou afeito a fazer propaganda antes da hora.

Mas as coisas estão sendo decididas dentro de uma concepção que tem uma idéia das necessidades globais do Brasil e que tem uma crença imensa nas possibilidades da nossa economia e do nosso povo. E tem que ser feito de modo que efetivamente não repitamos os ciclos do passado, de desenvolvimento econômico, quando houve enorme concentração de renda; houve progresso, mas esse progresso não foi difundido, e aí entra toda uma área social – não é o momento de eu falar sobre ela agora –, mas que também está sendo cuidada.

Se as pessoas que tiverem realmente vontade de ajudar a construir o Brasil se debruçarem sobre a realidade, em vez de ficarem imaginando fantasmas, atacando o que não existe, como se fosse intenção do Governo ou uma litania do quanto pior melhor; e se, em vez disso realmente perceberem, com olhos de grandeza, o que é este país, o que nós vamos fazer dele, o que o povo está fazendo dele, nós ficaremos mais confiantes.

Este ato de hoje é um ato de confiança no Rio Grande, de confiança no povo gaúcho, de confiança no Brasil.

Tenho certeza de que, com a conjugação dessas forças que estão aqui presentes e de muitas outras mais – e me agrada o fato de nós termos aqui a representação da sociedade, os sindicatos, os empresários, e não apenas a representação política, que é muito importante –, esse fato de perceber que existe uma vontade solidária de que o país caminhe, eu não tenho dúvida nenhuma de que tudo aquilo que disse que faria, quando fui candidato a Presidente da República, para que o Rio Grande voltasse a ter o dinamismo que ele precisa ter – e terá – eu farei, inclusive na agricultura, onde duvido que, em prazo tão curto, tenha sido feita tanta coisa para resolver um problema que, repito, é

estrutural e vai demandar muito esforço, muita articulação e tempo para ser resolvido.

Mas isso não pode consolar aqueles que perderam a renda: se perderam a renda, precisam de algum recurso para que ela possa ser repostada de maneira adequada.

Faremos. É só uma questão de diálogo, é só uma questão de tempo. E, certamente, no momento em que, no Rio Grande, for possível conjugar esses esforços de transformação industrial com a retomada de uma agricultura competitiva e dinâmica, este estado voltará a ser aquilo que ele nunca deixou de ser, mas poderia alguém pensar que ele tivesse perdido velocidade. Ele não vai perder velocidade. Vai ser um maratonista e vai levar até o fim, bem alto, esse otimismo que é marca dos gaúchos, é marca dos brasileiros.

Muito obrigado a vocês todos.